

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – ALTO PARAÍSO**

**A Valorização das Brincadeiras como Objeto
Sócio-Pedagógico no Município de Alto Paraíso - GO**

Flávia Janáila Veloso de Aguiar Silva

ALTO PARAÍSO

2012

A Valorização das Brincadeiras como Objeto Sócio-Pedagógico no Município de Alto Paraíso - GO

FLÁVIA JANÁILA VELOSO DE AGUIAR SILVA

**Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como requisito final para
aprovação no Curso de Licenciatura
em Educação Física do Programa UAB
da Universidade de Brasília – Pólo de
Alto Paraíso de Goiás. Sob orientação
da professora Mestra Margarete
Zambeli**

2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos professores da Educação Infantil que buscam melhorias em nosso sistema de ensino, à minha família, em especial a meus pais Antônio e Margareth pelos anos de compreensão e amor, e a Felipe Milán, meu companheiro de jornada e futuro esposo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus pela oportunidade de concretizar tal trabalho e também à minha orientadora Margarete Zambeli pela paciência empregada ao me acompanhar neste processo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPITULO 1-.....	11
1.1 A Construção Social e Histórica da Infância.....	11
1.2 Conteúdos de Educação Física para a Educação Infantil.....	15
1.3 A importância da Educação Física para a Educação Infantil.....	16
1.4 A psicologia da Educação e a Aprendizagem da Criança.....	19
1.5 As brincadeiras e suas contribuições no processo de aprendizagem da criança.....	24
1.6 O planejamento na Educação.....	28
 CAPITULO 2- Pesquisa e Metodologia.....	 31
2.1 Estratégia Metodológica.....	31
2.2. A definição dos sujeitos e do campo de pesquisa.....	32
2.3 Instrumentos de investigação e apresentação dos dados.....	33
 CAPITULO 3- Análise e discussão dos dados	 35
 Considerações Finais	 47
 Referências Bibliográficas.....	 48
 ANEXOS.....	 50

RESUMO

Identificamos na região certa necessidade em verificar como são trabalhadas as brincadeiras no ambiente escolar da Educação Infantil no município de Alto Paraíso de Goiás. Buscamos observar a relevância que os profissionais da Educação Infantil concedem às brincadeiras em seu planejamento, para poder também avaliar a opinião de professores e diretores. Para isso, utilizamos como objetivo analisar a importância que as brincadeiras têm na rotina de uma turma de Educação Infantil, identificando os elementos que privilegiem as brincadeiras e analisando o planejamento das mesmas na Educação Infantil. Nossa metodologia consistiu na aplicação de entrevistas semi-abertas com três professoras das redes pública e privada de ensino da região. Pudemos observar que as professoras entrevistadas reconhecem os benefícios que as brincadeiras proporcionam para as crianças e a necessidade de aplicá-las no ambiente escolar, porém, a instituição como um todo não se preocupa em conceder um espaço maior às brincadeiras considerando os outros conteúdos mais relevantes à alfabetização mais importantes que as brincadeiras. Essa situação é bastante preocupante quando observamos os benefícios em se trabalhar as brincadeiras e a recreação na Educação Infantil, onde observamos o descaso e despreparo da entidade escolar em garantir um padrão de qualidade na aprendizagem das crianças. Pode-se concluir assim, que, as brincadeiras embora observadas como uma oportunidade de aprendizagem única para as crianças, por vezes lhe é atribuída o objetivo de assimilação de outros conteúdos, ou seja, desviando-se de uma finalidade em si mesma, a recreação e diversão da criança.

Palavras - chave: Educação Infantil, brincadeiras, planejamento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa observar a importância com que os professores da Educação Infantil empregam as brincadeiras em seus planejamentos e o espaço reservado a este tipo de conteúdo. Devido à necessidade em proporcionar um aprendizado à nossas crianças não só significativo, mas que além de trabalhar a alfabetização faça o aluno se desenvolver de forma crítica e autônoma, acreditamos que seja necessário reunir elementos como o lúdico, a brincadeira, e a diversão aos aspectos motores e demais conteúdos educativos na Educação Infantil. Logo, o aprendizado se torna algo atrativo e estimulante para as crianças. Sendo assim, este trabalho visa também analisar se nossos professores têm contribuído na formação de alunos conscientes de sua realidade, bem como abordando aspectos biopsicossociais que devem ser trabalhados na Educação Infantil, além de estarem utilizando metodologias que favorecem a aquisição de muitas habilidades para os alunos.

O espaço escolar é um local ideal para o desenvolvimento de diversas e essenciais capacidades dos alunos, e a socialização é um dos itens muito importantes para sua formação, pois, através da interação com outras pessoas as crianças podem compreender um pouco mais sobre o universo que as cercam, desenvolvendo habilidades conjuntamente a outras crianças e professores, e conseqüentemente, aprendendo mais sobre si mesmas. Além do mais, a escola é um ambiente muito rico para a construção e aquisição de valores éticos e morais, indispensáveis para a formação de alunos reflexivos, conscientes de suas responsabilidades e papel como cidadãos críticos e autônomos na sociedade. Sendo assim, esse processo de interação na Educação Infantil é extremamente importante na vida da criança, pois possibilita que a mesma construa sua própria personalidade e realidade, e espera-se que através do trabalho do educador, ela compreenda melhor seus direitos e deveres, a começar por aqueles em sala de aula.

Muitas vezes nos deparamos com crianças que encontram dificuldade em interagir socialmente com os colegas em sala de aula, e a faixa etária a qual fazem parte pode realçar esta dificuldade, pois a maioria das crianças mais novas apresenta comportamentos como teimosia, inflexibilidade para com as atitudes e ponto de vista dos outros, o que observamos como uma oportunidade para a interferência do professor para trabalhar a aquisição de conhecimentos ligados à cooperação, tolerância, interação social, enfim, uma aprendizagem totalmente relevante à convivência em sociedade.

Para a reversão desse problema, encontramos uma estratégia muito agradável e divertida para os alunos: as brincadeiras, elementos lúdicos e jogos cooperativos, que servirão para perpetuação de saberes que serão desenvolvidos através do ato de brincar, trabalhando a socialização entre as crianças e o respeito mútuo, que será construído através das relações sociais que a criança irá estabelecer em sala de aula, não só com os colegas como também com o professor, pois o mesmo é responsável por interceptar em momentos de necessidade, além de selecionar os conteúdos adequados para o desenvolvimento das habilidades dos alunos, sendo assim, seu trabalho é essencial no processo de socialização das crianças.

As brincadeiras quando incorporadas em sala de aula possibilitam a visão de quão benéfica pode ser a cooperação em vários âmbitos na vida das crianças, e que a competição além de causar um clima de desunião entre os alunos, só traz alegria a um determinado grupo que vence, e desgosto para aquele que é vencido.

Por isso, é de extrema importância que o professor saiba mediar os conteúdos que aplica para seus alunos, considerando que na Educação Infantil as crianças estão passando por transformações e situações que serão recordadas por toda a vida. Então, nessa fase é interessante que o educador não se focalize apenas em conteúdos de alfabetização como português e matemática, mas também em adquirir habilidades que serão úteis a ele em toda sua vida, pois, o ambiente escolar em sua infinidade de habilidades que tem o poder de trabalhar e perpetuar, por vezes acaba se limitando a saberes extremamente teóricos, sobrecarregando as crianças de atividades, e assim limitando o aprendizado dos infantes.

Observamos isso como uma falha da Educação pública brasileira, pois, o interesse do Ministério da Educação em apresentar melhores escores no padrão de qualidade de ensino se apresenta como uma controvérsia, onde priorizam as formas de conteúdos conceituais, ignorando os procedimentais e atitudinais, e o aluno acaba não adquirindo e incorporando aquela série conhecimentos, apenas decorando-os e posteriormente esquecendo-os, pois não houve a assimilação daqueles conteúdos.

O que pretendemos e ansiamos é que as brincadeiras não sejam menosprezadas nem descartadas perante outros conteúdos que certos educadores e gestores de escolas julgam serem mais importantes para a aprendizagem da criança, mas sim, que estes conteúdos sejam igualmente aplicados e enfatizados, que a estrutura física e recursos materiais estejam disponíveis e adequadas à recreação infantil, e que o direito de brincar e de aprender da criança, seja assegurado.

Objetivo Geral

Analisar a importância que as brincadeiras têm na rotina de uma turma de Educação Infantil.

Objetivo(s) específico(s)

Identificar os elementos que privilegie as brincadeiras na Educação Infantil;

Analisar o planejamento das brincadeiras na Educação Infantil;

Estrutura da Monografia.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, dividido em 6 tópicos conceituamos a infância, o ato de brincar, a Educação Infantil e outros termos relevantes ao nosso objeto de estudo. Aludimos a Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento para nortear a prática do professor na Educação Infantil e o planejamento como bases para garantir o

êxito na aplicação de brincadeiras e atividades, otimizando o tempo disposto para estas práticas e auxiliando a resolver conflitos vivenciados pelas crianças durante as aulas.

No segundo capítulo apresentamos nossa metodologia e pesquisa escolhidos, que foi a de um Estudo de Caso, investigado através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas com professoras da Educação Infantil da rede pública e privada do município de Alto Paraíso de Goiás.

No terceiro e último capítulo apresentamos os resultados obtidos durante a pesquisa e nossa discussão acerca dos mesmos. Pudemos analisar com o auxílio de nosso referencial teórico a realidade vivenciada pelas três professoras entrevistadas observando os pontos em comum e que se divergem na realidade vivenciada pelos docentes da região e a importância que as instituições de ensino e as próprias professoras destinam às brincadeiras no ambiente da Educação Infantil.

CAPITULO 1 – A Educação Infantil e seu papel educacional e social para com a Infância

1. A Construção Social e Histórica da Infância

A infância é um conceito bastante novo se formos analisar a trajetória que este assunto de suma importância precisou transcorrer historicamente até que a criança pudesse ser analisada e observada com alguma relevância dentro do contexto social. Ariés (1973) citado por Brancher (2010) afirma que *“a falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio são um indício da incapacidade por parte do adulto de ver a criança em sua perspectiva histórica”*.

A infância, assunto abordado neste estudo, era vista como inexistente antes do século XVI. Ariés (1973) citado novamente por Brancher (2010) afirma ainda que as crianças por não possuírem tanto poder quanto tem atualmente em relação aos adultos, *“provavelmente ficavam mais expostas à violência dos mais velhos, pois não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida.”* (BRANCHER, 2010).

Na Idade Moderna é identificada uma ideia dualística em que corpo e alma são vistas como duas partes distintas, e que nesse contexto, a alma seria a grande precursora dos pensamentos, e o corpo seria apenas a máquina que colocava em prática o que o espírito idealizava. Estes dualismos foram bastante fortalecidos por Descartes. (LEVIN, 1997 apud BRANCHER, 2010).

É neste contexto de dualismos, no século XVII, através das classes dominantes, que a primeira concepção real de infância começa a ser observada a partir da constatação dos reais movimentos de dependência das crianças muito pequenas. O adulto passou, então, pouco a pouco a preocupar-se com a criança, ao perceber que a mesma era um ser fraco e que dependia de seus cuidados. Pode-se aludir também através destas afirmações que a criança era observada como ser irracional e, portanto, incapaz de movimentar-

se com sobriedade e com coerência no mundo, daí então, surgia essa necessidade de zelo e proteção em relação às mesmas. (BRANCHER, 2010)

Como primeiros aspectos ligados a este novo panorama de preocupação com as crianças, podemos destacar a disciplina e a transmissão de conteúdos ligados à cultura já estabelecida no mundo adulto. Sendo assim, não era de interesse que as crianças trabalhassem aspectos recreativos ou educativos, e sim, que se portassem de forma aceitável socialmente, através daquilo que era valorizado na época. Além disso, através da perspectiva que tinham acerca da infância, uma criança não seria mentalmente capaz de desempenhar certas funções. (DE MAUSE, 1991 apud BRANCHER, 2010)

Com a Revolução Francesa, em 1789, surgem então novas concepções e formas de ver a criança. O papel do Estado sofre uma modificação na qual é alterada a responsabilidade para com a criança e o interesse por ela. Foi necessário observar a criança sobre o contexto educativo já que a intenção era *“moralizar’ e disciplinar a criança”*. (BRANCHER, 2010).

Conforme Brancher (2010), Durkheim foi um dos grandes nomes enfatizados nesse processo, o qual afirmou que:

A criança além de questionadora passa de uma impressão para outra, de um sentimento para outro, de uma ocupação para outra, com a mais extraordinária rapidez. Seu humor não tem nada de fixo: a cólera nasce e aquieta-se com a mesma instantaneidade; as lágrimas sucedem-se ao riso, a simpatia ao ódio, ou inversamente, sem razão objetiva ou sob a influência da circunstância mais tênue. (DURKHEIM, 1978 apud BRANCHER, 2010. p. 6)

Apesar destas ocorrências e modificações na visão do adulto acerca das crianças, é com a institucionalização da escola que o conceito de infância começa lentamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Nesse contexto, começa a surgir a ideia de uma pedagogia para as crianças, o que torna possível citar uma construção social da infância, influenciada pelas relações que a criança estabelece e o contexto na qual esta se insere. (CORSARO, 2003 apud BRANCHER, 2010).

Encontramos em nossa realidade uma distinção bastante visível entre as gerações, e é no contexto familiar que se torna possível alguma aproximação mais frequente entre elas, conforme afirmou Adatto (1998) citado por Brancher

(2010), *“ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo”*.

Podemos observar em vários momentos que há nítida imposição de regras de conduta para as diversas faixas etárias encontradas na sociedade. É como se cada um tivesse que desempenhar um papel pré-estabelecido socialmente, o que nos leva ao pensamento de que *“as gerações são socialmente construídas”*. (CORSARO, 2003 apud BRANCHER, 2010)

Nesse contexto, podemos observar que a infância também possui seus papéis dentro da sociedade, possuindo uma série de valores morais e éticos aos quais deve cumprir para corresponder aos anseios do mundo adulto. Sendo assim, a infância também faz parte de uma construção social.

Conforme Levin (1997) e Tucker (1991) apud Brancher (2010), *“a família típica da sociedade industrial é a família nuclear, composta de um casal e poucos filhos, quando estes existem.”*, o que nos dá a entender que houve uma fragmentação na estrutura familiar, que outrora era constituída por um casal e muitos filhos, onde havia a convivência de jovens e adultos, e por esse motivo afirma Brancher (2010) que *“todo o dinamismo existente nas relações do sujeito no mundo foi, ao longo da história, deixado de lado.”*

Vale ressaltar também que na atualidade tem sido observado um processo que vem ocorrendo e que antigamente até foi identificado de certa forma, mas como não existia o conceito de infância, a sociedade acabava por não prestar atenção no que estava acontecendo. A barreira entre o mundo adulto e a infância está sendo destruída, o que basicamente não foi observado antigamente, pois as crianças de mais de sete anos podiam frequentar os mesmos espaços, vestir as mesmas roupas que os adultos, e mesmo a vida sexual era algo admitido para crianças de menos de dez anos. O que hoje acontece no mundo adulto, como uma atividade crescente onde as crianças querem participar cada vez mais do mundo adulto, viver o que eles vivenciam, vestir o que eles vestem, assistir o que eles assistem, antigamente era um processo natural e aceitável. (BRANCHER, 2010)

Ariès (1978) citado por Brancher (2010) afirma que *“a noção sobre um período de inocência infantil se firmou pela primeira vez com o Iluminismo do século XVIII”*. Adatto (1998) também citado por Brancher (2010) ao realizar um estudo comparando fotos de crianças americanas observou modificações

bastante consideráveis, como a proteção à inocência infantil até os anos 60 dando lugar a anúncios onde estas crianças cada vez mais jovens estavam presentes perante produtos de forte carga sexual. É identificado também que em virtude a uma melhoria na assistência médica para essas crianças e em sua nutrição, estas começam a crescer em um ritmo mais rápido e podem entrar em contato com as realidades da vida de forma mais aberta. Conforme Adatto (1998) apud Brancher (2010) *“antes, os pais podiam controlar o que as crianças deviam ver e conhecer.”*

Dentro desse processo é cabível perceber que as crianças ocupavam um espaço outrora que foi substituído pela inclusão dos pequenos ao universo dos adultos, mas, de forma consciente por parte das mesmas, onde elas próprias desejam participar e vivenciar experiências que julgam interessantes, e o adulto já não consegue desvinculá-las dessa construção social de conhecimentos e de sua cultura, pois o próprio panorama estabelecido pelo sistema, onde as mães e pais se afastam dos lares para garantia de seu sustento, faz com que criança busque e deseje mais independência à medida que esta convive com outras pessoas e outras realidades, sendo que a mãe nesse sentido representaria *“a guardiã da separação entre a idade adulta e a infância”*. (COONTZ, 1997 apud BRANCHER, 2010)

Considerando estas ideias, podemos perceber que a criança foi bastante considerada através do ponto de vista sociológico, mas o que se sugere é que não nos deixamos levar por apenas uma perspectiva quando formos analisar a criança em sua totalidade. Conforme Prout (2004) citado por Brancher (2010) *“a criança deve ser vista como um ser completo, biopsicossocial”*. Sendo assim, pensar a infância é englobar várias áreas de conhecimento, observando seus pontos em comum e divergentes, não nos atando a nenhum reducionismo, pois quaisquer um deles não explicaria por si só a infância. Portanto, deve se encarar seus aspectos biológicos, médicos, sociais, emocionais, entre muitos outros, onde cada um possui sua importância. (DELGADO & MULLER, 2005, apud BRANCHER, 2010)

Além disso, como afirma Sirota (2001) citado também por Brancher (2010)

... as tendências atuais de pesquisa, como contribuição à emergência de uma sociologia da infância, trazem uma tentativa de desescolarização dessa sociologia, para abordar o conjunto dos processos de socialização. Trata-se da tentativa de articulação das diferentes instâncias de socialização da infância, abordando as práticas do dia-a-dia das crianças, sejam elas originadas da observação das práticas da vida cotidiana ou das representações sociais e do imaginário. (SIROTA, 2001, p. 22 apud BRANCHER, 2010 p. 13)

A questão levantada do “imaginário social” é sem dúvida um dos pontos mais importantes ao levarmos em consideração a construção social da infância. Ele se trata da representação como qual a criança vê o mundo e sua relação com ele, e é fundamental para o desenvolvimento e compreensão do ser humano que está buscando seu espaço na sociedade.

Sendo assim, afirma Sarmiento (2002) que:

O imaginário social é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e possibilidades desse processo. As condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta. [...] (SARMENTO, 2002 apud BRANCHER, 2010).

Brancher (2010) diz ainda que, se quisermos realmente estudar a infância, é preciso ver e ouvir a criança, e principalmente levarmos em consideração a infância como um todo, aquilo que é comum a todas as crianças e gerações.

Concluindo, se queremos analisar a infância em sua totalidade, não devemos estabelecer conclusões apenas a partir de passagens históricas das quais as crianças fizeram parte, ou de suposições e teorias que julgam mostrar a verdadeira construção social da criança: é preciso utilizá-la como objeto de estudo e proporcionar que elas mesmas apresentem suas próprias impressões, anseios, e formas como vêem o mundo.

2. Conteúdos de Educação Física para a Educação Infantil

Quando falamos em conteúdos de Educação Física, podemos citar um vasto número de opções que auxiliam na criação de um método didático

adequado à realidade vivenciada em sala de aula pelo educador. Conforme Coll et all (2000) citado por Darido (2001) conteúdos são definidos como:

Seleções de formas ou saberes culturais, conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequadas ao aluno. (COLL ET ALL, 2000 apud DARIDO, 2001)

Desta forma, a adoção de conteúdos adequados ao público-alvo trabalhado deve ser realizada perante a observação e reflexão das necessidades do mesmo.

Vale também ressaltar que o enfoque nos conteúdos de Educação Física variou conforme as necessidades vivenciadas em seu período histórico, sofrendo forte influência dos desejos e vontades das classes sociais dominantes.

Por volta da década de 80 surgem propostas de teorias críticas influenciadas por teóricos como Karl Marx a fim de superar e questionar o caráter alienante que a Educação Física vinha tomando perante o panorama educativo. Essas críticas propunham uma remodelação a partir dos conteúdos de Educação Física com o objetivo de transformar a realidade social identificada na época e suas injustiças para com os indivíduos mais fracos e oprimidos. (DARIDO, 2001)

A partir destas, pode-se ressaltar a teoria Crítico – Superadora no que concerne à seleção de conteúdos a serem trabalhados na Educação Física, que conforme Darido (2001) *“propõem que se considere a relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos”*. Conforme a teoria Crítico Superadora, os conteúdos também devem mostrar a realidade da classe operária, dos trabalhadores.

3. A importância da Educação Física para a Educação Infantil

Como vimos no primeiro tópico, a infância foi menosprezada por muito tempo tanto no cenário social quanto educativo, e o que vemos atualmente é que a partir que a criança começa a ser observada pelo sistema, acabou por

virar uma espécie de objeto de lucro para o capitalismo. Podemos constatar esse fato com a criação das pré-escolas, creches, parques de diversões, indústrias de brinquedos e todo um mercado voltado para o público infantil.

Mesmo assim, com algumas modificações na forma com que o adulto tornou a observar a criança, ainda não lhe foi destinado seu o valor necessário, não foi reservada uma atenção especial por parte do governo e da instituição escolar em um quesito importantíssimo: a aprendizagem de conteúdos relativos à Educação Física. Tanto não é designado este cuidado, que nem sempre encontramos professores formados na área de Educação Física para aplicação dos elementos referentes ao movimento e atividade física, desenvolvimento motor e outras abordagens ligadas à disciplina, mesmo sabendo que os indivíduos da faixa etária pertencente à Educação Infantil necessitem de um bom trabalho acima da psicomotricidade, hábitos de higiene, entre outros. Sabemos que outros profissionais possam trabalhar estes conceitos, mas provavelmente, nenhum deles possua o conhecimento e direcionamento do professor de Educação Física.

Para o desenvolvimento real de suas habilidades, um dos pontos importantíssimos a ser trabalhado na infância é a expressão corporal. Toda criança possui suas peculiaridades ao falar, se expressar, gesticular, etc., e por isso, o trabalho corporal para o desenvolvimento das relações sociais nessa fase é tão importante. Ayoub (2001) cita que

[...] a linguagem corporal revela um universo a ser vivenciado, conhecido, desfrutado, com prazer e alegria. Criança é quase sinônimo de movimento; movimentando-se ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Criança é quase sinônimo de brincar; brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. (AYOUB, 2001 p. 57)

Nesse sentido, podemos ressaltar um trecho dito por Ayoub (2001):

[...] a expressão corporal caracteriza-se como uma das linguagens fundamentais a serem trabalhadas na infância. A riqueza de possibilidades da linguagem corporal revela um universo a ser vivenciado, conhecido, desfrutado com prazer e alegria.[...] A Educação Física na Educação Infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem. Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da cultura

corporal[...], sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, às ginásticas, às danças e às atividades circenses, sempre tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial para ação educativa na infância. (AYOUB, 2001 p. 56-57)

Para isto, este trabalho de selecionar os conteúdos na Educação Infantil para Ayoub (2001) deveria *“tomar a criança como ponto de partida”*, o que significa *“pensar num currículo que contemple diferentes linguagens em suas múltiplas formas de expressão, as quais se manifestam por meio da oralidade, gestualidade, leitura, escrita, musicalidade”*, o que foi descrito por Sayão (1999) citado por Ayoub (2001):

Estas formas de expressão vividas e percebidas pelo brincar representam a totalidade do “ser criança” e precisam estar garantidas na organização curricular da sua educação [...] e não enquadradas em áreas do conhecimento e alocadas em disciplinas. (SAYÃO, 1999 apud AYOUB, 2001)

Nesse contexto, é preciso assegurar a presença da Educação Física na Educação Infantil. Ela não deve estar inserida no ambiente escolar por mera recreação perante os conteúdos de outras disciplinas que são julgados “mais importantes”, mas sim, para a perpetuação de seus saberes que estão intrinsecamente ligados através da interdisciplinaridade presente em suas atividades.

Através da definição de Basei (2008) acerca do que deve proporcionar o ambiente escolar na Educação Infantil, podemos observar a relevância da Educação Física no presente local, e este deve ser

[...] um lugar de descobertas e de ampliação das experiências individuais, culturais, sociais e educativas, através da inserção da criança em ambientes distintos dos da família. Um espaço e um tempo em que sejam integrados o desenvolvimento da criança, seu modo de vida, sua subjetividade, com os contextos sociais e culturais que a envolvem através das inúmeras experiências que ela deve ter a oportunidade e estímulo de vivenciar nesse espaço de sua formação. (BASEI, 2008 p. 1)

Além disso, para a autora

[...] a Educação Física tem um papel fundamental na Educação Infantil, pela possibilidade de proporcionar às crianças uma diversidade de experiências através de situações nas quais elas

possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações. Além disso, é um espaço para que, através de situações de experiências – com o corpo, com materiais e de interação social – as crianças descubram os próprios limites, enfrentem desafios, conheçam e valorizem o próprio corpo, relacionem-se com outras pessoas, percebam a origem do movimento, expressem sentimentos, utilizando a linguagem corporal, localizem-se no espaço, entre outras situações voltadas ao desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e afetivas, numa atuação consciente e crítica. Dessa forma, essa área do conhecimento poderá contribuir para a efetivação de um programa de Educação Infantil, comprometido com os processos de desenvolvimento da criança e com a formação de sujeitos emancipados. (BASEI, 2008 p. 1)

Para finalizar a reflexão, pode-se dizer que a presença do professor de Educação Física tende a facilitar bastante o processo de desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas, sociais, morais, éticas, motoras e etc., contribuindo para a formação de alunos críticos e reflexivos.

Além disso, Ayoub (2008) ressalta que a contribuição da Educação Física Infantil *“[...] para ser relevante e justificada, precisa auxiliar na leitura do mundo, por parte das crianças com as quais trabalha, partindo do pressuposto da construção de si mesmo, no decorrer desse processo de ‘alfabetização’”*

4. A Psicologia da Educação e a Aprendizagem da Criança

Um dos pontos importantes a se observar no universo da criança é que seus comportamentos não surgem de uma forma nata; suas ações são influenciadas a partir do meio em que vive, e por isso o direcionamento adulto é tão importante para que ela desenvolva suas capacidades de forma dirigida e centrada em variáveis que são necessárias para o bom aproveitamento do que o processo de ensino-aprendizagem tem a oferecer. (SANTOS; MELO, 2008)

A Psicologia do Desenvolvimento estuda essa área de conhecimento, que envolve a relação existente entre o meio e o comportamento da criança, abrangendo toda a trajetória de vida do sujeito e modificações decorridas ao longo desta. A principal característica que foi verificada é que tudo que norteia a existência daquele indivíduo influenciará em seu modo real de se desenvolver e de se comportar perante diversos tipos de situações. O ambiente, as peculiaridades físicas, as relações afetivas e familiares, a mídia e a cultura local, os costumes religiosos, são um apanhado de características

que influem totalmente no modo de ser e de agir do ser humano, e que determinará suas atitudes e como se dará o seu desenvolvimento. O desenvolvimento, portanto, não se dá por apenas um fator, como o de relacionamentos familiares e a conduta que os parentes impõem, mas por todos que norteiam a vida daquele ser, pois o psicológico reage conforme lhe é possível, propício ou imposto. (SANTOS; MELO, 2008)

Conforme Santos e Melo (2008)

[...] o desenvolvimento humano se refere a qualquer processo de mudança progressiva decorrente das interações do indivíduo com o contexto e envolve desde os processos biológicos do organismo até as mudanças sócio-históricas ao longo do tempo. (SANTOS; MELO, 2008 p. 109)

A Psicologia da Aprendizagem foca-se em todo e qualquer tipo de aquisição realizada pelo indivíduo, seja ela de conhecimentos ou de habilidades. A melhor definição elaborada pela psicologia sobre a aprendizagem é que ela se refere a *“uma mudança relativamente permanente no comportamento, que resulta de prática ou experiência”*. (SANTO; MELO, 2008)

Assim como o Desenvolvimento ocorre perante muitos fatores que o influenciam, a Aprendizagem dependerá destes mesmos fatores, que desencadearão e modificarão a forma com que o sujeito irá assimilar o aprendizado e o que ele irá aprender. A primeira noção importantíssima para se entender a necessidade destas psicologias serem trabalhadas na escola é o quanto as peculiaridades que envolveram o desenvolvimento de cada aluno podem influenciar tanto positivamente como negativamente no aprendizado.

Quando a isto, Leontiev (1998) descreve que

[...] no decurso do desenvolvimento da criança, sob a influência das circunstâncias concretas de sua vida, o lugar que ela ocupa no sistema de relações muda... a idade pré-escolar é o período da vida da criança em que se abre, pouco a pouco à mesma, o mundo da atividade humana que a rodeia. Pela sua atividade e, sobretudo, por seus jogos, que ultrapassaram o quadro estreito da manipulação dos objetos circundantes e da comunicação com os pais, a criança penetra num mundo mais vasto de que se apropria de forma ativa. Toma posse do mundo concreto enquanto mundo de objetos

humanos com o qual reproduz as relações humanas. (LEONTIEV, 1988 apud Wajskop 1990 p.1)

Se há dificuldade na interação por parte de alguns alunos em certas atividades, o professor poderá adiá-las ou adequá-las conforme seja mais cômodo para sua classe. Cada aluno possui um vasto número de experiências, aptidões e influências culturais muito pessoais, e por isso, mesmo que se encontrem afinidades entre certos grupos, não se deve esquecer de que cada um reagirá de uma forma quando encontrarem certas situações em sala de aula. Se uma criança sofreu alguma espécie de abuso sexual, por exemplo, uma aula em que ela necessite tocar em outras pessoas poderá agravar seu trauma, e atrapalhar seu aprendizado de forma geral, por isso, é preciso se avaliar o que é ministrado aos alunos.

Santos e Melo (2008) descrevem que:

Assim, ao analisar o comportamento do aluno precisamos levar em consideração as suas características físicas (ex: idade, altura, musculatura) e também o contexto físico, social e cultural no qual ele vive. Tais aspectos determinam formas específicas de interação e de comportamentos do aluno com os objetos, familiares e colegas. (SANTOS; MELO, 2008 p. 114)

A Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem foram objeto de estudo de vários estudiosos como Piaget, Vigostky, Wallon, Watson, Skinner, e são de grande utilidade quando pensamos em formas de se conduzir e direcionar a educação e aprendizagem de nossos alunos. Conhecendo sua turma e seus alunos como um todo, o professor poderá enriquecer suas aulas e trabalhar para que seus conteúdos se adaptem às diversas realidades encontradas em sua sala de aula, lembrando sempre que a falta de atenção e desinteresse pelas aulas, é proveniente de todo um cenário de características biológicas, sociais, afetivas, culturais, entre outras, que estabeleceram a conduta daqueles alunos, sendo assim, nosso objetivo é a estimulação desses alunos para o aproveitamento total do que estes conteúdos têm a oferecer no processo educativo. (SANTOS; MELO, 2008)

Outro ponto importante a ser avaliado neste estudo são os Estágios de Desenvolvimento Cognitivo descritos por Piaget. Ele infere que para adquirir uma capacidade, esta necessita de “pré-requisitos”, ou seja, as capacidades de

um estágio derivam do estágio que o antecede. São quatro os estágios de desenvolvimento: sensório-motor (de 0 a 2 anos), pré-operacional (de 2 a 7 anos), estágio de operações concretas (de 7 a 12 anos) e estágio de operações formais (a partir dos 12 anos).

O estágio sensório motor está diretamente ligado às aquisições de habilidades motoras. A criança ainda não é capaz de internalizar os eventos, por isso, sua Inteligência é referente a ações práticas. Este estágio se subdivide em seis subestágios, que são o de atividade reflexa, primeiras diferenciações, reprodução de eventos interessantes, coordenação de esquemas, invenção de novos meios e finalmente, o das representações. (SANTOS; MELO, 2008).

Pensando na Educação Infantil e em nossa amostra estudada, nosso foco torna-se o estágio pré-operacional, sendo que este estágio vai dos dois aos sete anos de idade. Nesse estágio, como descrevem Santos e Melo (2008), a criança utiliza uma “inteligência simbólica”, e logo no início deste estágio a criança demonstra a capacidade de imitar objetos e eventos que não necessariamente estão fazendo parte de sua rotina em tempo real. Outro ponto importante é a presença do simbolismo através dos jogos e das brincadeiras de “faz-de-conta”. Mas, uma das características principais das crianças deste estágio de desenvolvimento é com certeza o egocentrismo, uma variável que torna difícil a compreensão do ponto de vista dos outros. É como se as atitudes e percepções da criança fossem as únicas aceitáveis, o que pode fazer com que a mesma queira aceitar apenas aquilo que acredita e deseja.

Além destes, temos o estágio de operações concretas, no qual as crianças já possuem a capacidade de pensar e realizar operações inversas, e começam a desenvolver o pensamento lógico e é menos egocêntrica em comparação às crianças do estágio pré-operacional. Já o estágio das operações formais é onde a capacidade de pensar de forma lógica atinge seu ápice, então o adolescente torna-se capaz de compreender situações hipotéticas, apresenta maior flexibilidade no raciocínio, entre outros aspectos. (SANTOS; MELO, 2008)

Além dos estudos de Piaget, a teoria vygotskiana tem muito a oferecer nos estudos da área de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, conforme ressalta Basei (2008) onde *“trata de processos psíquicos e*

fisiológicos de forma integrada, o que permite pensar o desenvolvimento como processos entrelaçados com os culturais” e, além disso, afirma que:

Na medida em que acontecem as interações, o sujeito vai se transformando e transformando também a sociedade à sua volta de forma intencional, tornando-se construído e construtor de uma cultura, onde as contradições entre sujeito e objeto, sujeito e sociedade não podem ser analisadas separadamente, pois são interdependentes. (BASEI, 2008 p.2)

Conforme Vygostky (1991), citado por Santos e Melo (2008) a aprendizagem e o desenvolvimento dependem da interação do indivíduo com o contexto sócio-cultural no qual ele está inserido. Sendo assim, o papel do professor e a relação professor-aluno tem grande função no processo de aprendizagem da criança.

Para Vygostky (1991) existem dois níveis de desenvolvimento que determinam e influenciam na aprendizagem, o nível de desenvolvimento real, também chamado de efetivo, e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro é referente às habilidades que o sujeito já é capaz de realizar e sobre as quais já possui aptidão para alcançar sozinho. Já o nível de desenvolvimento potencial está ligado à realização de tarefas que necessitam do auxílio de outras pessoas, o que pode explicado no contexto escolar quanto ao acompanhamento que o professor concede à aprendizagem de seus alunos. (SANTOS; MELO, 2008)

Estes dois níveis de desenvolvimento compreendem um elemento muito importante para a aprendizagem, outro elemento do estudo de Vygostky, a Zona de Desenvolvimento Proximal, que é conceituada pelo próprio como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração de companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1991, apud SANTOS; MELO, 2008, p. 148)

Assim, pode-se concluir que a zona de desenvolvimento proximal é referente às habilidades que estão em processo para surgir, como uma região entre o que a criança já é capaz de fazer, e o que ela será capaz. Por isso, é importante o papel do professor em identificar a zona de desenvolvimento

proximal do aluno para interceder e agir como mediador no processo de aprendizagem do aluno, a fim de proporcionar o seu melhor desempenho e auxiliá-lo a adquirir as habilidades que ainda não foram dominadas.

Sendo assim, a partir da psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e das teorias concernentes à adequação da didática e metodologia utilizadas pelo professor às necessidades e realidades de seus alunos, é possível desenvolver um trabalho que desenvolva as capacidades e habilidades dos alunos de forma plena e singular.

5. As brincadeiras e suas contribuições no processo de aprendizagem da criança.

Dentre as características já estudadas sobre a Educação Física escolar, a Educação Infantil e as peculiaridades das crianças, é possível observar que as brincadeiras se encaixam no panorama educativo servindo às necessidades dos alunos e desenvolvendo diversas habilidades referentes à aprendizagem motora, social, afetiva, biológica, psicológica, entre outros aspectos.

A infância pode ser compreendida como a fase das descobertas e idealizações do ser humano, e da formação da visão quanto ao mundo que o cerca. Por isso, a imaginação é um traço tão marcante na vida das crianças, e em consequência, a brincadeira se torna algo tão importante nesse processo de formação o indivíduo. Brincando a criança cria e recria em sua imaginação aquilo que acredita ser o mundo real dos adultos, e o ato de brincar tem o poder de afirmá-la nesse mundo criado por ele, como sendo parte integrante da sociedade. Conforme Oliveira (2001) citado por Bernardes (2005) *“na experiência lúdica, a criança, assim como o adulto, cultiva a fantasia, vivencia a amizade e a solidariedade, traços fundamentais para se desenvolver uma cultura solidária na sociedade brasileira atual”*

Quanto a este tema questiona Ramos:

Afinal, por que é tão importante brincar? As brincadeiras e jogos que vão surgindo gradativamente na vida do ser - desde os mais funcionais até os de regras, mais elaborados - são os elementos que

Ihe proporcionarão estas experiências, possibilitando a **conquista da sua identidade**. (RAMOS, p.2)

Conforme Piaget (1976), as crianças dos dois aos cinco anos, que estão passando pela fase de julgamentos morais, no estágio egocêntrico - que é onde as crianças estão adquirindo noções sobre as regras - tendem a serem competitivas e por vezes bastante egoístas, justamente por que desejam possuir a capacidade de conquistar seu espaço no mundo, por estarem realizando a cada dia a descoberta de si mesmos e adquirindo conhecimento em todas as áreas possíveis. O jogo nesse contexto se encaixa a necessidade de interação social, competição e recreação. (SANTOS; MELO 2008)

O convívio com as outras crianças é importantíssimo, pois juntos eles compartilham conhecimentos já adquiridos e fazem descobertas; auxiliam um ao outro e ao mesmo tempo também entram em conflito, mas apesar disto, ao relacionar-se estão tomando ciência de outras realidades e pontos de vista, o que é também de extrema importância, pois, para ela, a criança é o centro de seu próprio universo, e por isso quer chamar atenção a todo custo, o que faz parte do processo de aprendizagem. O que é primordial é que a criança compreenda que todos possuem direitos iguais e são iguais, então, ela não deve sentir-se como o ser mais especial querendo tomar o espaço dos outros, mas sim, compreender que está sendo acolhida tão bem quanto as outras crianças. Bernardes (2005) afirma que *“pode-se inferir que brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, aprende a conviver em grupo e aceita a participação de outras crianças de forma igualitária.”*

A brincadeira de luta entre crianças de cinco ou seis anos, por exemplo, é uma situação em que se pode constatar o papel expressivo dos movimentos, já que essa brincadeira envolve intensa troca afetiva, pois estes ao simbolizar a luta, estão se divertindo e mesmo assim tendo a consciência de que não devem machucar uns aos outros. Esse é um dos exemplos reais de um dos papéis do professor, pois este deve conscientizar os alunos que existem limites nessas brincadeiras, e certos modos de se brincar de “lutinha” podem machucar o colega, pois, na maioria das vezes a criança não chega a essa conclusão sozinha; ela sente quando ferem seu corpo, mas não pode prever que seus atos possam ferir os colegas.

Ramos afirma que:

Ao ponderar, extensivamente, sobre o tipo de jogo que querem utilizar, as condições do ambiente para que aconteça, bem como as regras que devem ser aplicadas, as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar (isto ao verificar o que é e o que não é apropriado ao momento), de argumentar, de como chegar a um consenso, reconhecendo o quanto isto é importante para dar início à atividade em si. (RAMOS, p. 2-3)

Correndo, pulando, dançando, as trocas de experiências corporais terão uma grande significância para a criança. As atividades lúdicas são ótimas estratégias a serem utilizadas para o desenvolvimento das habilidades psicomotoras dos alunos e da socialização nesse contexto. Aspectos como a imaginação e representação devem ser incorporados às aulas, pois isto está ligado ao universo que a criança recria em sua mente, então, o ato de aprender e descobrir se torna a experiência mais prazerosa que a criança poderia ter. O teatro, a música, os contos de fada, e brincadeiras que envolvam estes aspectos são de uma riqueza inenarrável para as crianças.

Deve-se proporcionar que meninas e meninos estejam sempre vivenciando juntos atividades corporais e que não haja distinção de brincadeiras para uns ou para outros, e sim que as crianças experimentem estes conteúdos independente dos sexos. Na antiguidade, por exemplo, não havia diferenciação de brinquedos para as crianças do sexo masculino ou feminino. Conforme afirma Ariès (1981) citado por Bernardes (2005), por volta de 1600

[...] a boneca não se destinava apenas às meninas. Os meninos também brincavam com elas. Dentro dos limites da primeira infância, a discriminação moderna entre meninos e meninas era menos nítida: ambos os sexos usavam o mesmo traje, o mesmo vestido. (ARIÈS, 1981 apud BERNARDES, 2005 p.47)

O jogo pode tornar-se uma estratégia didática quando as situações são planejadas e orientadas pelo adulto visando a uma finalidade de aprendizagem, isto é, proporcionar à criança algum tipo de conhecimento, alguma relação, habilidade ou atitude. Para que isso ocorra, é necessário haver uma intencionalidade educativa, o que implica planejamento e previsão de etapas pelo professor, para alcançar objetivos predeterminados e extrair do jogo atividades que lhe são decorrentes.

Para Ramos:

Permitir à criança espaço para brincar, proporcionando-lhe interações que vêm, realmente, ao encontro do que ela é, aliado às nossas tentativas no sentido de compreendê-la, efetivamente, nestas atividades, é dar-lhes mostras de “respeito”. Assim, fica-nos evidente a importância do brincar no âmbito escolar. (RAMOS, p. 3)

Conforme citado por Santos e Melo (2008) Vygotsky observava os jogos, brincadeiras e dramatizações em grupos, elaboradas acerca de conteúdos já estudados como benéficas ao desenvolvimento dos alunos. *“Os componentes dos grupos apresentam conhecimentos e habilidades distintos, de tal forma que é possível os alunos ajudarem uns aos outros”*. Podemos perceber dessa forma que a Educação Física favorece bastante a propagação de atividades coletivas, e nestas experiências os alunos estão aprendendo muito além do que somente habilidades físicas. (SANTOS; MELO, 2008)

Há uma infinidade de recursos para que a Educação Física intervenha na Educação Infantil e facilite no processo do desenvolvimento de capacidades básicas do ser humano, necessárias à formação de sujeitos autônomos na sociedade, e a aprendizagem através destes aspectos motores e das brincadeiras serão como um estímulo para se *aprender brincando*. Espera-se que assim possamos incentivar desde cedo que os alunos entendam o quanto o ato de conhecer e aprender é importante, prazeroso, essencial e fascinante para o ser humano, servindo-se das brincadeiras e da expressão corporal para alcançar estes objetivos.

Finalizando, colocamos uma reflexão de Kishimoto (1999) que confirma os aspectos lúdicos das brincadeiras e dos jogos como essenciais para o desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar, que não podem ser desprivilegiadas deste ato de brincar nas escolas, e principalmente, de vivenciar com os colegas estes tipos de experiências: *“se quisermos aproveitar o potencial do jogo como recurso para o desenvolvimento infantil, não poderemos contrariar sua natureza, que requer a busca do prazer, a alegria, a exploração livre e o não-constrangimento”*. (KISHIMOTO, 1999 p. 44).

6. O planejamento na Educação

O planejamento é um quesito básico quando pensamos em qualquer ação ou forma de atuação onde se intenciona obter êxito, porém, não é

exatamente esta realidade que encontramos na Unidade Escolar, principalmente na Educação Infantil, conforme afirma Guimarães. A problemática não se refere à exatamente a falta de planejamento propriamente dita, mas sim, de uma proposta educacional alicerçada por todos os membros da comunidade escolar, e da centralização em eixos temáticos que norteiem e contemplem as necessidades de todo o seu público, considerando as peculiaridades dos alunos e as possibilidades de trabalho nas temáticas necessárias. (Guimarães).

Conforme afirma Guimarães, o que se pode observar no cenário da Educação Infantil, o que ele pode comprovar através de seu estudo realizado com os colégios de Jataí – GO e entrevistas com alguns profissionais da área de Educação, é que neste nível de ensino observam-se diversos enfoques para o planejamento das aulas, como as datas comemorativas, áreas de conhecimento diversas, além de atividades rotineiras. A crítica não é relativa às atividades, mas sim à intencionalidade e objetivos almejados com ela. Dessa discussão podem-se indagar questionamentos como: Estas atividades possuem articulação com as demais? Por si mesmas elas têm o poder de se “auto-afirmar”? Quais habilidades estarei desenvolvendo e trabalhando nos alunos com essas atividades? (Guimarães).

Segundo Guimarães:

O que existe é um grande desafio de pensar a educação de crianças de 0 a 6 anos de forma articulada, adequado as necessidades das crianças, a existência de uma relação de cooperação e afetividade entre educadores e seus alunos, reconhecendo os aspectos a serem abordados e o melhor momento, respeitando esta criança como sujeito histórico, cultural e humano. (GUIMARÃES, p. 3)

Para pensarmos nessa ideia de planejamento de uma forma articulada e fiel às necessidades da unidade escolar, não se pode esquecer que é necessário haver uma proposta educacional em tudo que se perpetua e deseja transmitir como conhecimento. Para isto, é indispensável que esta proposta seja elaborada por todos os membros que compõe a comunidade escolar, ou seja, um trabalho coletivo e direcionado às necessidades que a escola vivencia. Fusari afirma que *“é preciso que os educadores escolares estejam permanentemente identificando, caracterizando e elaborando propostas para a*

superação dos problemas que enfrentam”, afinal, ninguém melhor do que eles mesmos, que vivenciam toda uma série de situações, para identificar seus próprios problemas e as melhores formas de revertê-los através de planos e trabalhos coletivos realizados pelos membros da escola.

Compreende-se por trabalho coletivo aquele realizado por pessoas que buscam o aprimoramento e a melhoria na qualidade do ensino da Educação Escolar, sejam eles membros da coordenação, diretoria, professores, demais funcionários, alunos, pais de alunos, e quaisquer outros integrantes da comunidade com algum vínculo ou comprometimento em prol da escola, dos alunos, da comunidade escolar e da Educação. (FUSARI)

Ou seja, é necessário que os membros responsáveis pelo planejamento de uma proposta pedagógica trabalhem juntos, objetivando um bem em comum, observando as variáveis existentes, e construindo uma proposta educacional direcionada e esquematizada a partir das dificuldades e facilidades encontradas no ambiente escolar, usando como foco o público-alvo, que é um dos pontos principais a ser analisado e abordado. Acima de tudo, as opiniões de todos devem ser consideradas, e se possível, que um trabalho interdisciplinar seja estabelecido entre todos os professores da Unidade Escolar a fim de exercitar as capacidades dos alunos de uma forma plena em sua totalidade.

Pensando em planejamento não podemos nos esquecer do Projeto Político Pedagógico da escola, que é onde as idéias e concepções de todos esses sujeitos da Unidade Escolar deixarão de ser meros anseios e pensamentos fragmentados para constituir uma forma de ação em um documento devidamente redigido para conduzir e direcionar a coordenação pedagógica e a equipe docente à uma realização proveitosa e satisfatória no panorama educativo. Em síntese, esse trabalho deve analisar todas as variáveis ouvindo a todos e tudo que possa influenciar positivamente nesse processo de construção. Não é possível alcançar um alto nível de qualidade de ensino se não voltarmos nossas ações àqueles que estão diretamente ligados a este processo, sendo assim, é necessário democratizar o planejamento dessas aulas, e conforme afirma Fusari:

...e assim o processo de planejamento de ensino na Escola vai-se concretizando e interferindo no trabalho pedagógico que ocorre nas

salas de aula, no sentido da melhoria da qualidade do ensino como um dos meios para a construção da cidadania dos nossos alunos. (FUSARI, p. 7).

CAPITULO 2 – Pesquisa e Metodologia

2.1 Estratégia Metodológica

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a de Estudo de Caso, onde foi possível entrevistar professores da Educação Infantil para saber a importância

que eles e a instituição em que trabalham dão às brincadeiras, e com que frequência eles incluem-nas nos conteúdos que aplicam em suas aulas. Um dos motivos para a escolha deste tipo de pesquisa foi a especificidade do tema, onde a amostra escolhida será muito pessoal, a qual faz parte de um contexto e tema gerador, mas que justamente por ser bastante particular à metodologia utilizada nas escolas analisadas e dos professores, não irá se aplicar à outras realidades, o que é uma característica dos estudos de caso.

O estudo de caso utiliza uma narrativa dos dados coletados e dos fatos que é de fácil compreensão e bastante dinâmica, podendo ser expressa através de fotografias, apresentações orais, auditivas, visuais, além de que seus relatos escritos podem utilizar um estilo informal de linguagem, o que inclui figuras de linguagem, exemplos e descrições. (ANDRÉ, 1984)

As experiências do pesquisador são muito importantes nesse sentido, pois, algumas intuições, interpretações que são estabelecidas e utilizadas como ferramenta nesse tipo de pesquisa, muitas vezes são difíceis de expressar, mas no estudo de caso, elas são úteis e ganham espaço, e através disso, novas compreensões e suposições surgem para o entendimento do estudo e enriquecimento do trabalho. (ANDRÉ, 1984)

Conforme André (1984), os estudos de caso se distinguem dos outros métodos de pesquisa devido a algumas peculiaridades:

Acredito que sua característica mais distintiva é a ênfase na singularidade, no particular. Isso implica que o objeto de estudo seja examinado como único, uma representação singular da realidade, realidade esta multidimensional e historicamente situada. (ANDRÉ, 1984, p. 52)

Além disso, no estudo de caso torna-se possível que o leitor chegue às suas próprias conclusões, pois lhe é apresentada uma realidade observada pelo pesquisador, sobre um determinado assunto e o leitor observa o que é relevante e considerável para que ele chegue às suas compreensões acerca do tema. Por isso, nesse tipo de pesquisa é tão importante que seja descrito o que é uma citação dentro do trabalho, o que é opinião própria do autor do estudo de caso, o que é um relato do que foi observado, enfim, as opiniões e idéias de cada um dentro do estudo de caso, para que o leitor formule sua

própria linha de pensamento, comparando idéias do autor do estudo de caso, dos teóricos, das pessoas envolvidas com a realidade pesquisada e etc.

2.2 A definição dos sujeitos e do campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Alto Paraíso de Goiás, com professoras da Educação Infantil. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas com três professoras de escolas diferentes, da rede pública e privada de ensino, para abordar diversas realidades do município. Considerando que a quantidade de escolas locais é bastante pequena pode-se ter uma visão geral dos pontos que deixam a desejar quando consideramos as brincadeiras e a importância das mesmas para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, motor e psicológico das crianças e o quanto este tipo de conteúdo é enfatizado ou pelo menos como ele é considerado pelos profissionais da área da Educação Infantil.

A pesquisa nasceu do intuito de averiguar com que frequência a recreação e o brincar se fazem presentes no planejamento dos professores para auxiliar no desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos. Sendo assim, o público observado foi a entidade escolar na seleção de conteúdos trabalhados, no conhecimento dos mesmos quanto à importância das brincadeiras para o aprendizado dos alunos e o retorno que estas metodologias concedem no aprendizado dos alunos. A importância deste estudo está ligada a avaliar se os professores de nosso município estão aplicando estes tipos de conteúdos com certa frequência devido às necessidades do público trabalhado, e se ocorre a valorização das brincadeiras no ambiente escolar, afinal, é a aprendizagem e desenvolvimento de nossas crianças, alunos, parentes e filhos que está em questão. Sendo assim, as entrevistas servirão como base para avaliar como anda a conhecimento dos professores e o quanto valorizam as brincadeiras no sentido destes conteúdos serem trabalhados efetivamente.

A realidade das outras escolas contém apenas um professor por turma para lecionar todos os conteúdos planejados, sendo uma delas um colégio católico administrado por freiras da Congregação Cristã “Irmãs Ravasco”, e o outro uma creche pública. A diferenciação é que na creche pública às sextas-

feiras um professor não formado na área dá as aulas de conteúdos relativos à Educação Física.

2.3 Instrumentos de investigação e apresentação dos dados

Os dados foram coletados e expressos com fidelidade à resposta das entrevistadas. Foi escolhido o método de entrevista semi-estruturada devido à possibilidade de questionar além do que era previsto no roteiro da entrevista, questões que pudessem surgir no decorrer do processo. Conforme Trivinõs (1928) a entrevista semi-estruturada é:

Aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVINÕS, 1928, p.146)

Assim, para atingir os objetivos propostos nessa pesquisa, elaboramos um roteiro de entrevista semi-estruturada abordando as seguintes categorias: Educação Infantil, infância, brincadeiras, planejamento, professor de educação física, frequência das brincadeiras, brincadeiras livres.

Elaboramos uma listagem de brincadeiras que as professoras elencaram que são trabalhadas no ambiente escolar, durante a entrevista. Alguns nomes destas brincadeiras citadas são um pouco desconhecidas, mas conforme as professoras, muito apreciadas pelas crianças.

Professora nº 1	Professora nº 2	Professora nº 3
➤ Enquanto seu lobo não vem;	➤ Cirandas e brincadeiras de roda; ➤ Estátua;	A professora não citou exatamente quais brincadeiras aplica, apenas

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Senhor Caçador; ➤ Circuitos com bambolês, pneus, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Brincadeiras musicadas; ➤ Jogos de memorização; ➤ Jogos envolvendo tampas de garrafa e formas geométricas; ➤ Vivo-morto; ➤ Brincadeiras com Balões; ➤ Amarelinha. 	<p>disse que trabalha com vários tipos e que preza pelo método do construtivismo e pela cooperação. Busca se basear nas idéias de Piaget e Vigostki quanto a inserir os jogos nas escolas e fugir do método de ensino das escolas tradicionais.</p>
--	--	---

A média de idade das entrevistadas foi de 30 anos, todas do sexo feminino, de naturalidade brasileira, que residem no município há mais de 5 anos e trabalham na área de Educação em uma média de 18 anos. São graduadas nas áreas de Pedagogia e História e Pós-Graduadas em diversas áreas como Educação Infantil, Artes e Gestão Escolar. Foram utilizados pseudônimos para garantir o anonimato das professoras.

Vale ressaltar que a terceira entrevistada é também diretora do colégio em que leciona, onde aplicam diversos tipos de atividades extra-curriculares, como capoeira, música, artes, entre outros, e a instituição da mesma valoriza extremamente o uso de atividades interdisciplinares, fazendo o uso destas sempre que possível, utilizando elementos lúdicos na maioria dos conteúdos que a escola aplica, e empregando as brincadeiras quase todos os dias da semana, e em todos os momentos possíveis para a garantia de um aprendizado mais significativo e contextualizando à realidade dos alunos.

CAPITULO 3 – Discussão dos resultados

Expondo os resultados da pesquisa pode-se dizer que as três professoras foram quase unânimes quando relataram que optaram por trabalhar com a Educação Infantil por apreciarem acompanhar este processo de aprendizagem das crianças e por gostarem da receptividade e retorno que

têm dos alunos, bem como do “calor humano” presentes nas personalidades destas crianças.

Quanto a integrar o brincar no planejamento há discrepâncias devido a se tratar de realidades de escolas diferentes, que possuem métodos educacionais diferentes. Por exemplo, duas professoras relataram explorar as brincadeiras tanto em sala de aula como fora dela, utilizando-se de diversas modalidades destas, como jogos educativos, vivências, atividades musicais e corporais. Uma delas também relatou que semanalmente são listadas uma série de brincadeiras que devem ser desenvolvidas durante toda a semana, sendo repetidas posteriormente algumas vezes para fixar o aprendizado das crianças.

Mas em geral, por se tratar da Educação Infantil, as professoras mostraram que utilizam bastante dos elementos lúdicos em seu trabalho docente para estimular a aprendizagem através do interesse dos alunos. Inclusive, uma das entrevistadas relatou ter realizado seu trabalho de conclusão de sua especialização sobre o Lúdico na Educação Infantil.

Podemos perceber o discurso de vários professores utilizando as brincadeiras como uma forma de adquirir outros tipos de conhecimento, para fixar o conteúdo de outras disciplinas. A educação escolar e principalmente a Educação Infantil devem realizar trabalhos interdisciplinares pela facilidade que isso garante na aprendizagem da criança, porém, a interdisciplinaridade deve ser mediada, pois, acima de tudo, a brincadeira deve possuir um fim em si mesmo, na recreação e nos elementos lúdicos que a atividade produz. Vimos na perspectiva de Ayoub (2001) que as brincadeiras, bem como todo esse aprendizado proporcionado pela expressão e linguagem corporal significam uma oportunidade para a criança entrar em contato com diversas manifestações da cultura corporal. Sendo assim, tanto os jogos, brincadeiras, ginásticas, atividades circenses, devem utilizar *“a dimensão lúdica como elemento essencial para ação educativa na infância”*. (AYOUB, 2001). Ou seja, para a maioria das entrevistas, o objetivo da utilização das brincadeiras e da recreação tem se distanciado um pouco de suas reais intencionalidades e utilidades.

A organização do tempo destinado às brincadeiras é bastante particular; algumas professoras devido às ordens da instituição destinam mais tempo para

as brincadeiras fora da sala de aula conforme a idade, por exemplo, os mais novos brincam cerca de 10 minutos, já os alunos de 4 a 5 anos de idade brincam por volta de 30 minutos. Estas atividades ocorrem diariamente, são dirigidas e coordenadas, e além desse momento também há o recreio tradicional¹. Para a outra professora as atividades duram cerca de 40 minutos e ocorrem na segunda e quinta-feira, e enfim, para a última professora não há tempo determinado para essas atividades, elas ocorrem diariamente e irão variar conforme a necessidade da brincadeira e conforme o interesse das crianças. Isso também ocorre com as brincadeiras planejadas para sala de aula.

Conforme fica subentendido das respostas da entrevistas, a frequência semanal com que são aplicadas as brincadeiras varia conforme a idade das crianças e a percepção de quanto tempo diário é ideal para cada turma e faixa etária, além do recreio. As brincadeiras ocorrem semanalmente, em algumas escolas diariamente, e em outras com menos frequência e menos duração.

A duração e frequência das brincadeiras também é um item importante quando analisamos que a escola seja um espaço privilegiado em que podem ocorrer diversas trocas afetivas e grande trabalho de socialização, em que as crianças começam a conviver e ter que lidar com outras opiniões, a aprender a dividir os brinquedos que são disponibilizados pela escola, e a respeitar o espaço dos colegas, pois nem sempre as crianças vivenciam certos tipos de situações em casa, então, esse convívio é muito importante para sua aprendizagem e desenvolvimento. Acreditamos que a aplicação de no mínimo duas vezes semanais em brincadeiras dirigidas e organizadas pelo professor seja de extrema relevância para o trabalho na Educação Infantil, não só para proporcionar a recreação e a socialização, mas para a aquisição e internalização de valores e das próprias atividades desenvolvidas.

Quanto à visão das professoras em observar as brincadeiras como um conteúdo capaz de trabalhar capacidades cognitivas, sociais, e pedagógicas, citadas por autores como Santos (2008), foi bastante positivo constatar que as docentes entrevistadas possuem o conhecimento e a informação necessários referente à importância desse trabalho. As professoras citaram que brincar e

¹ Chamamos de Recreio Tradicional o intervalo comumente observado na maioria das escolas brasileiras e identificado na realidade das três professoras entrevistadas, que acontecem diariamente e geralmente com duração de trinta minutos.

interagir com crianças de outras faixas etárias e outras realidades sócio-culturais proporciona o respeito entre os alunos, auxilia na aquisição de diversas habilidades como a coordenação motora, na compreensão dos pontos de vista dos colegas, das dificuldades dos outros, do respeito às regras. Para uma das entrevistadas, brincar é direito das crianças:

...Ela serve como forma particular de expressão, pensamento, interação e de comunicação. Trabalha a familiarização com a imagem do próprio corpo na exploração de gestos, posturas e ritmos através da expressão e da comunicação, o que ocorre dessa relação com a brincadeira, com o jogo e outros. (Elizabeth, entrevistada nº 3)

Além disso, uma das professoras citou que sempre que um aluno novo chega à instituição, ou quando o ano letivo se inicia e os alunos são estranhos uns para os outros, para minimizar esta inibição e para propiciar uma atmosfera de descontração, ela introduz alguma brincadeira cooperativa onde todos os alunos possam participar e interagir através de músicas, gestos, identificando-se falando o próprio nome, etc.

As respostas das entrevistadas indicam que as mesmas não só utilizam-se desses recursos como o reconhecem como um conteúdo capaz de trabalhar a socialização, o respeito entre os alunos, auxiliando a aquisição de diversas habilidades, a compreensão de regras, entre outros. Sendo assim, as professoras percebem a utilidade das brincadeiras como um conteúdo sócio-pedagógico através de sua prática docente e experiência após anos de estudo e trabalho com a Educação Infantil. Constatar a compreensão dos professores acerca dos benefícios promovidos pelas brincadeiras é certamente bastante positivo.

Considerando a satisfação das entrevistadas perante o tempo que possuem destinados à aplicação das brincadeiras, apenas a professora que é também diretora e proprietária da escola relata que acredita que o tempo reservado à estas práticas, ou seja, uma vez por dia, está adequada e é o suficiente para a recreação e aprendizado das crianças. As outras professoras queixaram-se de estarem sobrecarregadas de atividades e não terem condições de incluir mais brincadeiras, pois o tempo fica reduzido para empregar certas práticas educativas.

Apesar das atividades serem realizadas semanalmente, e em um dos casos, até diariamente, constatamos que as professoras alegam não se sentirem satisfeitas com a frequência com que aplicam as brincadeiras, devido à quantidade excessiva de conteúdos que a escola e a secretaria de Educação cobram que sejam perpetuados no ambiente escolar. Sobrecarregando as professoras de atividades, a escola e o estado estão não só saturando o trabalho das docentes como impossibilitando que outras atividades sejam desenvolvidas, criadas, e implantadas, e deixando pouco espaço para a recreação e brincadeiras **coordenadas** que deveriam ser conduzidas pelas professoras ou pelo menos por um adulto, estagiário ou monitor.

Chegamos então a uma parte da discussão que envolve o planejamento e as prioridades que as instituições de ensino e secretarias de Educação impõem que os professores desenvolvam durante as aulas. Tendo que aplicar conteúdos de matemática, português, ciências, com o foco na alfabetização, não é de se espantar que falte tempo para trabalhar as brincadeiras, bem como conteúdos da linguagem e expressão corporal, como cita Ayoub (2001), em sua totalidade. Aí entra a questão do planejamento, do plano de curso e do Projeto Político Pedagógico da escola; se a brincadeira marca presença nos mesmos, é *dever* do professor e da escola proverem e perpetuarem esse tipo de conhecimento. Como citado por Fusari, o planejamento deve ser realizado por toda a entidade escolar, pois só o conjunto dela é capaz de identificar as necessidades dos alunos, observando as variáveis existentes, seu público-alvo, bem como a realidade também dos professores. Sem esse tipo de análise para nortear o trabalho docente no ambiente escolar, certamente encontraremos falhas e resultados de insucesso.

Nessa ótica, Estado e escola estão se focando na alfabetização e aquisição de conhecimentos que garantirão bons resultados nos vestibulares e estatísticas das escolas para o Ministério da Educação. Mas na verdade, este é um cenário que se reproduz por toda a Educação, onde preferem preparar o aluno para o vestibular e mercado de trabalho e não para sua vida. Podemos perceber mesmo que sutilmente, que em algumas escolas de Educação Infantil do município isso não é diferente.

Conforme Joana, nossa 2ª entrevistada: *“a quantidade de conteúdos torna difícil abordar uma quantidade maior de brincadeiras”*. Mas conforme elas

disseram, para isto seria necessário o auxílio de um monitor, outro professor, ou qualquer outra pessoa que pudesse ajudar nesse processo, pois o trabalho necessita de um auxílio externo para manter a disciplina e a segurança das crianças. Outra questão é quando o planejamento não funciona devido às chuvas ou ao sol muito forte (no caso das escolas que não possuem áreas cobertas para as brincadeiras), o que implica na necessidade de abordar outra atividade em seu lugar, o que muda todo o planejamento e seus objetivos e pode consumir menos ou mais tempo. Segundo nossa 3ª professora entrevistada “*é necessário ser flexível*” justamente devido à quantidade de conteúdos abordados dentro do planejamento considerando a necessidade de incluir também as brincadeiras.

O planejamento em geral é feito semanalmente com o auxílio das coordenadoras pedagógicas das escolas, o qual é vistoriado por elas e modificado ou adequado por ela conforme a necessidade, situações as quais ela é responsável por identificar durante as aulas, porém, ela não citou nenhum exemplo. Em duas das escolas das professoras entrevistadas existe um plano de curso a ser seguido durante o ano letivo, porém, ele é mais focado nas disciplinas de matemática, português e ciências, bem como as habilidades que as mesmas deverão atingir.

No caso dessa professora onde o planejamento possui auxílio da coordenadora pedagógica da escola, isso foi bastante positivo em se constatar, pois, a equipe escolar mostra comprometimento com as atividades ministradas pela docente, mas, contraditoriamente, não constam objetivos para estas atividades e brincadeiras, conforme a própria observação da pesquisadora ao planejamento da professora (que foi autorizada pela entrevistada), o que deixa um sentimento de vazio, onde a atividade embora trabalhe diversas capacidades para as crianças, estão sendo ministradas sem finalidades ou sem o conhecimento da educadora acerca destes objetivos.

As brincadeiras são abordadas nesse planejamento quase superficialmente, ou escolhidas aleatoriamente. Já na outra escola há a listagem de brincadeiras que deverão ser abordadas durante a semana, e as atividades são planejadas no próprio dia ou no dia anterior para garantirem uma contextualização com o que os alunos estão vivenciando nas escolas.

Esse assunto da contextualização também foi relatado por uma das professoras que mencionou sobre o trabalho realizado acima das datas comemorativas. Sempre que possível, eles baseiam-se acima de eixos temáticos de datas comemorativas como a páscoa, dia do índio, etc., para realizar uma semana de atividades voltadas para o tema, sejam gincanas, brincadeiras, teatros, leituras, entre outras estratégias lúdicas, recreativas e pedagógicas. Na visão de toda a entidade escolar, importante é contextualizá-las.

Esse trabalho de contextualização com os conteúdos vivenciados em outras disciplinas ou baseado nas datas comemorativas é bastante benéfico para a associação e internalização da criança, que se utiliza de fatos reais para compreender seu próprio aprendizado, pois a criança dessa faixa etária por si só é bastante questionadora, então, brincar de pega-pega após ouvir a história dos três porquinhos e o lobo mal se torna bem mais interessante, pois todo um cenário é recriado não só na imaginação da criança, como em sua vivência corporal. É como se as crianças fossem os “porquinhos” fugindo do “lobo”, então a atividade ganha uma *finalidade*, assim como brincar de “coelhinho sai da toca” quando há toda uma estrutura montada para a celebração da páscoa, as pinturas nos rostos, as histórias, etc., o ambiente se torna mais propício à aprendizagem e internalização do conhecimento, pois todos esses elementos trazem sentido à realidade vivenciada pelos alunos.

As professoras afirmam que existe a liberdade de as crianças escolherem as brincadeiras que desejam realizar, até por que, *“quando trabalhamos com crianças, tudo é válido, pois tudo pode se tornar uma brincadeira”*, disse a professora Elizabeth. O importante é que mesmo que essas brincadeiras tenham sido escolhidas pelos próprios alunos, que elas sejam dirigidas, coordenadas e interferidas nos momentos necessários. Por exemplo, as três escolas possuem áreas para recreação que não possuem cobertura, porém, as crianças apreciam muito brincar no parquinho, então, torna-se necessário interferir para o próprio bem-estar dos alunos. Dessa forma há liberdade de escolha para as crianças e torna possível que as crianças possam criar suas próprias brincadeiras.

Outra questão que gera polêmica, diz respeito às atividades livres que são realizadas dentro da escola. As professoras acreditam que mesmo essas

vivências no parquinho, entre outras brincadeiras realizadas no recreio sem direcionamento do professor sejam de suma importância para o aprendizado dos alunos. Elas afirmam que essas brincadeiras que as próprias crianças criam auxiliam no alcance da autonomia, na criação e compreensão das regras e na coordenação e direção da própria atividade desenvolvida. Sendo assim, na opinião delas, o aprendizado surge de onde menos se espera, pois também não podemos subestimar a inteligência destas crianças que estão concomitantemente aprendendo enquanto estão recreando. Mas o que uma das professoras destacou é que apesar disso, não pode ser dispensado o monitoramento do professor ou de um adulto mesmo durante o recreio, pois certos estímulos e repreensões, apenas os adultos são capazes de proporcionar e aplicá-los nos momentos corretos.

Porém, não se trata apenas de dar liberdade de escolha para as crianças optarem pelas atividades preferidas, até por que, elas certamente aprenderam a maioria das brincadeiras com a própria professora. O que preocupa neste cenário é que estas brincadeiras sejam conduzidas sem a direção do educador e sem interferências, pois o que é perpetuado no ambiente escolar necessita de objetivos, finalidades, e principalmente, da intervenção do professor, pois as crianças não possuem discernimento nem preparo emocional para encarar situações de conflito, que geralmente ocorrem devido ao temperamento dos alunos dessas faixas etárias referentes à Educação Infantil.

Conforme as análises e estudos de Piaget, a características comportamentais das crianças de 2 a 7 anos como a dificuldade em compreender o ponto de vista dos outros, a repetição de atitudes cometidas por outras pessoas – agravando-se quando essas atitudes representam desobediência, xingamentos, e maus comportamentos –, e outros elementos que representam a incapacidade da criança distinguir o que é certo e errado dentro de uma situação. (SANTOS; MELO, 2008). Essa características dificultam que a criança possa agir com consciência dentro de uma atividade sem direcionamento, por isso, a presença de um responsável é essencial e primordial, pois a realidade que vemos em várias escolas atualmente é a de professores deixando os alunos tão livres em seus momentos de recreação, que os mesmos ficam expostos às riscos de se machucarem, agressividades

dos colegas, o bullying, entre outros fatores que seriam evitados com a interferência do professor.

Apesar disso, nem tudo que ocorre no ambiente onde acontece a brincadeira e a recreação pode ser evitado pelo educador, ou considerado “culpa” de sua falta de atenção, até por que, pequenos incidentes são normais de se ocorrerem. O que é inadmissível é justamente a ausência de um responsável pelas atividades desenvolvidas, sejam elas planejadas pelas crianças ou pelo professor. Pelo que se pode observar através das respostas das professoras, elas também possuem essa consciência no sentido da monitoria das aulas, que é um item essencial, mesmo considerando a liberdade em escolher as brincadeiras e forma com que as crianças as conduzem.

Acreditamos que essa interferência também seja relevante no sentido de auxiliar na Zona de Desenvolvimento Proximal da criança, já descrita anteriormente por Vygostky (1991) apud Santos e Melo (2008) onde o professor precisa oferecer estímulos adequados ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno, já a punição, elemento observado nos depoimentos das entrevistas, citada também por Santos (2008), as punições à atitudes incorretas dos alunos, quando muito utilizadas podem desencadear situações desagradáveis, como a desmotivação na participação das aulas por parte dos alunos, por isso, devem ser evitadas.

Quanto aos conteúdos das brincadeiras serem valorizados na instituição escolar, as professoras o afirmaram com unanimidade, porém, algumas justificaram a afirmação com mais argumentos e mais entusiasmo que as outras. Por exemplo, uma delas se queixou de estarem faltando na escola certos materiais para as brincadeiras, como bolas, bonecas, cordas, e etc., que são materiais que acabam se deteriorando com o tempo ou quebrando conforme o manuseio, o que é totalmente aceitável. Mas professora também afirmou que isso não acontece sempre, e que a demora nesse processo da chegada de novos materiais deriva das licitações necessárias a essas compras, ou seja, a instituição se preocupa em prover a escola de brinquedos e materiais.

Outro problema são os parquinhos que estão localizados onde bate muito sol ou estão expostos à chuva em determinados períodos, onde fica liberado o seu uso apenas nos dias nublados, o que aborrece as crianças, mas

é necessário principalmente devido à faixa etária dos mesmos. Será necessário que construam uma cobertura para não expor os alunos às mudanças climáticas, mas na realidade da professora que fez a queixa, esse é um problema do Estado, devido a se tratar de uma creche pública, mas o problema também ocorre com as outras duas professoras.

Já a outra professora argumentou que a escola trabalha o aprendizado de outras disciplinas juntamente com o conteúdo “brincadeiras e recreação”, onde os alunos podem desenvolver atividades cooperativas e assim adquirirem diversos tipos de conhecimento. Os alunos não ficam saturados de conteúdos escritos e teóricos, e sim, possuem um método recreativo para cada momento da atividade, como as músicas que marcam a hora do lanche, a hora da brincadeira, a hora do recreio e etc. Eles buscam introduzir brincadeiras antes das histórias para trabalharem o imaginário da criança, além de possuírem professores para lecionarem disciplinas específicas como a capoeira, onde o professor busca utilizar-se de toda uma didática voltada à Educação Infantil. Em síntese, as entrevistadas acreditam que o as brincadeiras são bastante valorizadas na instituição como um objeto didático e sócio-pedagógico.

Considerando o item “estrutura física”, identificou-se que a maioria não está propriamente adequada à prática de brincadeiras. As escolas têm parquinho para a recreação, mas não possuem piso adequado, nem cobertura, o que impossibilita seu uso durante os dias de sol forte ou chuva, o que é uma queixa das próprias professoras. Novamente, a única professora a não se queixar foi a gestora e proprietária da escola, onde a realidade encontrada também é a mesma das outras escolas. Esse é mais um dos aspectos onde podemos observar o descaso das escolas em tornar a Educação Infantil em um ambiente rico em recreação, aprendizagem motora e ludicidade. A segurança e bem-estar das crianças é um item fundamental para a boa condução das atividades recreativas, e se os professores não possuem uma infra-estrutura adequada às aulas, estaremos expondo as crianças às riscos maiores de se machucarem.

Outro questionamento na pesquisa foi também a questão da exigência da instituição em incluir as brincadeiras. As relataram que essa exigência vem não só do Ministério da Educação, provavelmente citando os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, como consta no Plano de Curso da

instituição e na orientação da coordenadora pedagógica da escola. Porém, quando foi perguntando se esse planejamento ou mesmo plano de curso são supervisionados pela secretária de Educação da região, elas não souberam responder. Ou seja, não há relatos que cite a ocorrência de uma vistoria da secretaria da educação ou algum outro órgão responsável pela área, se estas brincadeiras estão sendo empregadas.

Quando abordada a questão da necessidade da presença de um professor de Educação Física para auxiliar na construção da aprendizagem na Educação Física, as respostas foram bastante diversas. Pode-se observar que as professoras concordam com a presença do profissional da Educação Física para auxiliá-las em seu trabalho docente, e uma delas inclusive, disse que sente muito a ausência e a necessidade desse tipo de profissional para facilitar e otimizar o trabalho já realizado por ela. A maior queixa da mesma foi no sentido de não se sentir tão segura para aplicar certos tipos de conteúdos para as diversas faixas etárias. Há muitas dúvidas quando o assunto é inserir os movimentos corretos, adequar às brincadeiras conforme as habilidades que as crianças já dominam ou ainda tem que dominar, conduzi-las da forma correta, interferir quando há problemas posturais, entre outros elementos que só o professor de Educação Física é capaz de identificar e trabalhar. Afinal, a área de formação da professora é outra, e embora trabalhe elementos lúdicos, possua um diploma de licenciatura e tenha uma didática adequada à aprendizagem através das brincadeiras, certas atividades corporais envolvem todo um estudo e planejamento adequado às necessidades e dificuldades dos alunos.

Para a outra entrevistada a definição da ideia e necessidade de haver um professor de Educação Física na Educação Infantil foi definida como “ideal e bem-vinda”, mas ela avalia que os custos que isto demanda tornam um pouco inviável que este fato seja possível. Em síntese, as três professoras crêem que um professor de Educação Física iria somar bastante ao seu trabalho e trabalhar aspectos os quais elas não possuem tanto domínio, contribuindo positivamente para a aquisição da aprendizagem e socialização dos alunos. .

Perante a necessidade e importância desse tipo de profissional na Educação Infantil, percebemos certo descaso da instituição, sendo ela pública

ou privada, em proporcionar um aprendizado motor, cognitivo, afetivo e social mais rico às crianças. Mesmo para as atividades mais práticas, não existe a presença de um professor formado na área de Educação Infantil.

As próprias professoras citaram não possuir formação para tal, e assim, acabam abordando superficialmente esta área de conhecimento que é a Educação Física, por receio de acabarem originando algum tipo de problema postural, motor, e até afetivos e psicológicos através de atividades inadequadas à faixa etária dos alunos.

A justificativa dos gestores da instituição, que é o caso de uma das professoras entrevistadas, que é também diretora e proprietária da escola em que leciona, é a da falta de recursos disponíveis para a contratação de mais profissionais, e que o fato torna a situação inviável. Quando partimos pela perspectiva da lógica capitalista, observamos que não só os interesses do Estado como de alguns gestores e proprietários de instituições de ensino, se preocupam mais com os custos que uma educação de qualidade acarreta, do que com o próprio nível de qualidade que estão disponibilizando em suas escolas, acreditando que profissionais sem formação na área específica possam conceder o mesmo padrão de qualidade de um profissional formado, quando estão na verdade, apenas preenchendo uma lacuna.

Respondendo à questão “Por que é importante trabalhar as brincadeiras no ambiente escolar?”, obtiveram-se respostas relativas à necessidade de trabalhá-las em prol do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Joana, a entrevistada nº 2 nos afirma que *“a criança aprende se divertindo”*. Utilizar-se de um recurso como as brincadeiras é de suma importância não só para o aprendizado e alfabetização como para a aquisição de habilidades físicas e de valores morais para a criança. A brincadeira desenvolve habilidades de forma interdisciplinar, onde é possível adquirir outras diversas competências através de uma só atividade, como por exemplo, através da atividade de pular corda, onde é possível trabalhar ritmo, musicalidade, equilíbrio, entre outros.

Um fator interessante a ser destacado é uma das atividades que uma das escolas onde essas professoras trabalham promoveu, que foi a do resgate cultural de brincadeiras que os pais dos alunos apreciam e costumavam brincar na infância, que ocorreu através de uma pesquisa, o que garantiu uma interação entre alunos, professores e pais de alunos, o resgate e a valorização

de algumas brincadeiras que estavam outrora esquecidas e trouxe novas opções para as crianças brincarem e se divertirem.

Destacamos ainda um trecho de uma das entrevistadas falando sobre as brincadeiras.

...Eu vejo as brincadeiras como uma linguagem e como um recurso maravilhoso para trabalhar a sociabilidade, peso, massa, motricidade, ritmo, lateralidade, equilíbrio, limites, noção de regras, respeito, diversas coisas que podemos abordar através da brincadeira. Tudo isto vai trazer muitos benefícios quando a gente trabalha a alfabetização. As crianças que mostram alguma dificuldade física, que não tem uma habilidade, não tem uma desenvoltura pra fazer certas coisas, a gente percebe que também há uma dificuldade na aprendizagem, e isso vai acontecer na alfabetização também. Toda essa parte física irá interferir totalmente na hora da criança aprender a ler e escrever. (Andréia, Entrevistada nº 1)

De um modo geral, as entrevistadas afirmam que a instituição em que trabalham valoriza e enfatiza a inclusão das brincadeiras e dos elementos lúdicos. Esse fato se torna um pouco contraditório quando observamos algumas respostas das entrevistadas, ou durante a exposição do espaço físico disponibilizado para as brincadeiras, por exemplo. Em se tratando do quesito “materiais e brinquedos”, uma das entrevistadas queixou-se que vez ou outra devido ao desgaste faltam alguns materiais, que conforme a necessidade são solicitados à coordenação para novas compras. Além disso, sendo as brincadeiras um conteúdo exigido pelo próprio Ministério da Educação, não é nenhuma surpresa que as mesmas sejam abordadas com regularidade no ambiente escolar. O que ocorre é que algumas escolas investem em uma estrutura mais lúdica e adequada, e outras trabalham conforme suas possibilidades, conforme seus focos de interesse.

É possível observar que estas instituições de ensino privadas buscam ao máximo agradar ao seu público-alvo, e mesmo nas creches públicas que são recém-inauguradas, trazendo uma estrutura nova e bem arquitetada- o que não é exatamente uma regra -, ainda é possível encontrar bastantes pontos negativos como os já citados anteriormente, que representa certo descaso não só do Estado, como dos investidores de escolas particulares, que mesmo observando suas dificuldades e limitações, acreditam que a estrutura do ambiente escolar esteja apropriada para a prática de exercícios recreativos e brincadeiras na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos concluir através de nossa pesquisa que apesar das brincadeiras no ambiente escolar serem observadas como um conteúdo ímpar para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, elas ainda não são trabalhadas com a devida importância na Educação Infantil. Ocupando um papel de coadjuvante na educação de crianças, as brincadeiras são incluídas com finalidades secundárias à própria recreação das crianças, na maioria das vezes com o objetivo de proporcionar que as crianças aprendam habilidades relevantes à alfabetização dos alunos, raramente enfatizando a essência do brincar.

A queixa das professoras é justamente a falta de espaço e tempo para prover a utilização das brincadeiras de uma forma mais ampla, e para isso enfatizamos a importância de um planejamento mais articulado com a finalidade de trabalhar não só conteúdos essenciais para a alfabetização da criança, como também para seu desenvolvimento motor, social e psicológico. Assim, as brincadeiras não podem ocupar um espaço onde sejam apenas alocadas sem finalidades, sem um olhar crítico que observe sua necessidade na aprendizagem da criança.

Mas, para isto, é necessário que não só os professores como gestores e entidades ligadas à instituição e à Educação estejam em acordo para concordar que a brincadeira esteja presente de uma forma privilegiada na Educação Infantil, independente da quantidade e relevância dos outros conteúdos; um não pode ser mais importante que o outro, afinal, estamos tratando da aprendizagem de um indivíduo que necessita de concepções a partir de várias áreas de conhecimento, sendo capaz de futuramente exercer seu papel como cidadão de uma forma analítica, autônoma e crítica.

Sendo assim, acreditamos que não baste apenas que as visões dos profissionais da Educação compreendam a magnitude e valor das brincadeiras na Educação Infantil, mas que estejam fazendo uso constante das mesmas para expressão e aprendizagem das crianças, e que também estejam trabalhando para o alcance de melhorias na estrutura física da escola e na qualidade dos recursos materiais utilizados e necessários durante o brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. Dalmazo Afonso de. **Estudo de Caso: seu potencial na Educação.** Cad. Pesq., (49): 51 – 54. Rio de Janeiro, maio, 1984.

AYOUB, Eliana. **Narrando experiências com a Educação Física Infantil.**

Revista Bras. Cienc. Esporte, v 26, n. 3, p. 143-158, Campinas, maio de 2005.

AYOUB, Eliana. **Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil.**

Rev. Paulo. Educ. Fís., supl. 4, p. 53-60, 2001, São Paulo, 2001.

BASEI, Andréia Paula. **A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança.** Revista Ibero-americana de Educação, nº 47/3, Santa Maria, outubro de 2008.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Jogos e Brincadeiras Ontem e Hoje.**

Cadernos de História da Educação - nº. 4, Uberlândia, jan./dez. 2005.

BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de; NASCIMENTO, Claudia Terra. **A Construção Social do Conceito de Infância: Algumas Interloquções Históricas e Sociológicas.** 1. ed., Revista Olhar do Professor, Santa Maria, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos de Educação Física Escolar:**

Tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em Educação Física Escolar, v. 2, n. 1, Niterói, 2001.

FUSARI, José Cerchi. **A construção da Proposta Educacional e do trabalho coletivo na unidade escolar.** [s.d] Disponível em:

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p069-077_c.pdf Acesso em

19 de setembro de 2012

GUIMARÃES, Valéria Moreira de Freitas. **Planejamento na Educação Infantil.**

S/D Jataí, Goiás. Disponível em:

<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/829> Acesso em 17 de

setembro de 2012

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo, Cortez, 1999.

RAMOS, Rosemary Lacerda. **Um estudo sobre o brincar infantil na Formação de Professores de crianças de 0 a 6 anos.** [s.d] Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0703p.PDF> Acesso em 13 de maio de 2012.

SANTOS, Cláudia Maria Goulart dos; MELO, Raquel Maria. **Psicologia da Educação.** Educação Física a distância: módulo 3/ Alcir Braga Sanches, pag 103 – 229, coordenador – Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física, 2008.

SILVA, Daniela de Castro; HOMRICH, Marcele Teixeira. **Brincadeiras e brinquedos na atualidade:** Breve contribuição articulando a Infância e a Escola. Santo Ângelo, 2010.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em políticas sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1 ed. 1987 – 20 reimp. – São Paulo: Atlas, 2011.

WAJSKOP, Gisela. **O papel do jogo na Educação das crianças.** Caderno Idéias, 7. FDE São Paulo, 1990.

ANEXOS

Roteiro de Entrevista semi-estruturada

- 1- Qual sua formação acadêmica e há quantos anos atua na área da Educação?
- 2- Há quanto tempo trabalha com a Educação Infantil? Porque você optou por trabalhar com Educação Infantil?
- 3- Em sua prática docente você integra o brincar em seu planejamento? De que forma?
- 4- Há um tempo disponível e determinado para as crianças brincarem? Qual sua duração e quando ocorre?
- 5- Você consegue observar as brincadeiras como um conteúdo que trabalha aspectos sócio-pedagógicos na Educação Infantil? Explique
- 6- A presença de brincadeiras no planejamento é uma exigência da instituição?
- 7- Você acredita que a frequência com que aplica as brincadeiras em seu planejamento é suficiente ou gostaria de ter mais espaço e tempo para sua aplicação?

- 8- Como e quando você planeja suas aulas? Você sistematiza seu planejamento em caderno de plano? (se sim, peça para autorização para analisar)
- 9- Você acha que é necessária a presença de um professor de Educação Física na Educação Infantil para trabalhar brincadeiras e vivências corporais?
- 10- Você costuma aplicar quais tipos de brincadeiras e vivências corporais em suas aulas? Você se sente seguro para este tipo de planejamento?
- 11- Pode-se afirmar que a instituição em que você trabalha valoriza as brincadeiras e a utilização da recreação para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicológico?
- 12- Por que é importante trabalhar as brincadeiras no ambiente escolar?
- 13- Em sua maioria as brincadeiras são organizadas por você, ou as crianças possuem a possibilidade de livre escolha ou da criança criar?
- 14- Você acredita que as brincadeiras livres proporcionam aprendizado?